

## O relato autobiográfico como exposição de si: entre tessituras, bordados e alinhavos femininos

Ana Paula Sá

**Resumo:** Este texto apresenta crítica sobre o espetáculo *Histórias Bordadas em Mim*, solo da atriz pernambucana Agrinez Melo, apresentado na IX Mostra Capiba, realizada anualmente pelo Sesc Casa Amarela, em Recife-PE. A análise foi desenvolvida a partir do Ateliê de Crítica e Reflexão Teatral, que exercitou e provocou nosso olhar durante uma semana e proporcionou o exercício de escrita de textos críticos sobre os espetáculos assistidos durante o festival. A análise aborda os elementos da encenação na construção da poética do espetáculo.

Um totem foi a primeira visão ao entrar no Teatro Capiba, do Sesc Casa Amarela, em Recife-PE, no dia 17 de outubro de 2016: na beira do palco, esperava Agrinez Melo, uma magra e alta mulher negra, numa figura esguia e ainda maior ali em cima, sonhando de olhos fechados enquanto entrávamos e nos acomodávamos, com poucos gestos, ouvindo o ambiente. A acolhida afetuosa, expressa pelo olhar brilhante e emocionado, o belo sorriso largo que se apresenta no momento do encontro e os braços que nos recebem se abrindo amplamente, estabelecem a primeira nota de uma canção em andamento variado proposta em 50 minutos.

Pautada em relatos autobiográficos, a atriz de 36 anos revisita fatos de sua trajetória, na sua maioria, difíceis, flertando com a poesia cotidiana e ordinária de ser mulher, mãe, negra e profissional em busca do extraordinário que há nisso. É da dificuldade que pode surgir a beleza da Vida (sim, com inicial maiúscula), em uma lata d'água e uma cacimba compartilhadas, no doce comido clandestinamente ou na contestação de uma criança aos desígnios divinos.

*Histórias Bordadas em Mim* é casa para Agrinez – daquelas casas antigas, de corredor comprido, cozinha larga ao fundo, reduto das conversas femininas e quintal de chão batido com árvores de copa larga, onde a família se reúne e samba. É por esse corredor repleto de portas que somos conduzidos numa visita guiada, parando diante de algumas delas para somente espiar, tempo suficiente apenas para uma fotografia, ou somos convidados a entrar, sentar, demorar um pouco mais. Alguns ambientes se comunicam diretamente e escorregamos de um a outro sem nem nos darmos conta, enquanto nossa guia relembra fatos e personagens que ali habitaram. Quando não,

somos conduzidos de volta ao corredor, seguindo rumo ao fim da visitação, que tem duração e destino certo, e nossa guia não deixa dúvidas quanto a isso.

A quantidade de histórias a contar em alguns momentos faz com que a atriz assuma um ritmo *presto*, expondo breve e rapidamente os fatos, às vezes só citando os desfechos, o que, ao mesmo tempo em que propõe a dinamização dos andamentos, também nos impede de criar nossas imagens mentais a partir do descrito e degustar um pouco mais das histórias.

À medida que a encenação – assinada pela atriz – opta pela narração, pelo relato, por descrever o que aconteceu, o espetáculo se ancora na palavra dita, exige um espectador ouvinte, atento ao texto, pois outros recursos da cena são menos intensamente demandados como produtores ou propositores de sentidos. Além do figurino, utilizado também como objeto de cena ao longo do espetáculo, como cenário há um baú multicolorido, de cujas gavetas e portas saem adereços para ilustrar as histórias, e um set musical, no qual atua Thales Ribeiro, entre cordas e percussão, pontuando alguns momentos e propondo algumas atmosferas às cenas.

A luz é estática e não propõe sentido ou atmosfera à encenação; serve mesmo para visualizarmos o set. Também a luz da plateia permanece acesa, para permitir o encontro de olhares entre a atriz e o público, desconstruindo a distinção entre palco e plateia. Tendo assistido a este espetáculo, em ocasião anterior, no espaço O Poste, do qual a atriz é sócia integrante, percebo que tal escolha precisa ser reavaliada de acordo com as configurações dos espaços de apresentação. No caso do Teatro Capiba, a luz sobre a plateia é mais intensa e fria do que a luz de ambientação proposta na sede do grupo, da mesma forma que a altura e a distância do palco estabelecem uma recepção distinta da que é proposta n'O Poste, quando Agrinez está no chão e os espectadores estão mais próximos.

Entretanto, a aposta no encontro dos olhares, para além do desconforto que a luz possa gerar, parece surtir efeito para instaurar alguns momentos poéticos do espetáculo. É na cumplicidade dessa troca entre atriz e espectador(a) que a cena se potencializa, em andamento *piano*, que nos aproximamos, nos emocionamos, momentos em que se estabelecem atmosferas delicadas que presentificam instâncias sagradas na trajetória da atriz: a ancestralidade, tanto de linhagem sanguínea, evocada pela importância dos avôs e dos pais na narrativa, quanto na religiosidade afrodescendente convocada como identidade marcante. A valorização desse discurso em *Histórias Bordadas em Mim* indica o quão valiosa é para Agrinez a sua “força ancestral”, como ela mesma anuncia em cena.

Também fica clara a importância de sua pesquisa em teatro físico, na qual se ancora sua formação mais intensa, visível na presença contrapontística da corporificação de alguns personagens, eleitos em características particulares de voz, gestos, atitudes, e montados em caricatura (a irmã chorona, o homem asqueroso, a mãe forte). Indicam outro lugar de construção de sentido na narrativa – aquele onde o espectador recebe já pronto e não precisa criar junto –, em oposição ao lugar da narração/evocação – onde a criação se completa na imaginação do espectador. Outra forma de apresentar os personagens se dá através dos dedos e de objetos, recursos que podem perder em efeito de acordo com a variação de espaço de apresentação, prejudicados por uma distância maior do que a prevista inicialmente entre plateia e palco.

Reside aqui um ponto a ser pensado com mais cuidado: qual a poética pensada para este espetáculo? A da contação de histórias, da narração como lugar de memória, na perspectiva da evocação através de palavras pudes, propositivas de imagens, metáforas, poesia, que convida à construção individualizada de sentidos para a narrativa recebida? Ou o lugar da apresentação, das figuras postas, das personagens criadas em corporeidades definidas, das ilustrações em sons e objetos, da leitura conduzida, da recepção crente do proposto?

O contraponto assinalado, tal como a variação de andamentos, estabelece, para além de uma dinâmica de organismo vivo – que é todo espetáculo por si –, um lugar de fronteira, com todas as tensões inerentes aos trânsitos, lugar potencial de experimentações e ressignificações. Entretanto, se tais experimentações não se aprofundam, este espaço limite fica ignorado em sua potência (re)criadora.

Neste sentido, se *Histórias Bordadas em Mim* ancora a atriz em um lugar pouco confortável como contadora de histórias, e isso aparece não apenas no discurso autorreferente (debate), mas também na cena; se há descrença a respeito da dramaticidade de uma contação, compreendendo este como um lugar de pouca atuação; se há a crença de que usar o corpo é atuar, e dizer palavras não é, é importante que Agrinez Melo se lance ao limite máximo da problematização de sua obra – como autora, atriz, figurinista, iluminadora, cenógrafa e diretora do espetáculo –, como meio de refletir sobre o que de fato está posto e exposto ao público. Se esta nunca é tarefa fácil para um criador, esteja ele solitário ou não, é sempre um desafio importante de se enfrentar, em busca não da elaboração de respostas conciliadoras, e, sim, de uma perspectiva mais ampla sobre nosso próprio fazer artístico.

Nesse sentido, convidaria ainda a questionar a importância da musicalidade no espetáculo e a forma como é executada, os resultados pretendidos e atingidos, em voz e instrumento, e a

intimidade exigida entre ambas, não verificada na apresentação do dia 17; como também, o encadeamento da narrativa, os recursos de transição entre as histórias, a informalidade da conversa estabelecida com o espectador e a coloquialidade marcada no texto que pouco contribuem para a consolidação de uma poética da delicadeza e do sutil. Em se tratando de uma criação em processo, nada mais corriqueiro que esse revisitar, o que parece ser a tônica de um espetáculo autobiográfico que se propõe conciliador de experiências pregressas e atuais, em constante reestruturação.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Casa Amarela (Recife - PE), a partir da programação da Mostra Capiba, no período de 17 a 21/10/2016.*